

“A CONSTRUÇÃO” DE KAFKA: UM MECANISMO DE DEFESA AUTOENGENDRADO

Christiana Paiva Oliveira

Resumo: No conto de Kafka, o autor relata um personagem angustiado e cansado com a ideia de ameaças de invasão e perigo constantes. Sua casa acaba se tornando uma fortaleza defensiva, fazendo com que ele próprio fique aprisionado em seu interior – nada mais entra ou sai de seu abrigo labiríntico. Frente a isso é possível pensar metaforicamente que sua construção funciona como um mecanismo de defesa, sustentado e sustentador dos sintomas a partir da visão psicanalítica. Para tanto, autores como Khan, Freud e Lacan são utilizados para embasar a discussão realizada, no intuito de trazer à tona a função do analista em tais casos.

Palavras-chave: Sintoma; Defesa; Sofrimento

Introdução

Desde seu desenvolvimento enquanto método analítico a Psicanálise é reconhecida, inclusive por suas pacientes, enquanto ferramenta que trata do sofrimento psíquico. Anna O., uma das primeiras pacientes a ser estudada por Sigmund Freud e Breuer, afirma que vivenciou seu processo como uma espécie de “limpeza de chaminé” e, também, de “cura pela fala” (FREUD, 1910/1969). Tal caracterização se deu após sucessivos encontros analíticos em conjunto ao alívio de sintomas de Anna, que *vivenciava em seu corpo a potência da memória sem voz*. Seus conteúdos diziam respeito a uma série de conflitos psíquicos, que exaltavam o embate entre a exigência de satisfação pulsional versus a instância repressora, culminando a não realização de desejos e seu ocultamento - elementos revelados pouco a pouco na relação entre paciente e terapeuta via transferência.

A beleza na fala de Anna O. inaugura *a potência que a Psicanálise tem de reivindicar a sonoridade das memórias que não podem ser esquecidas*, mas que ainda não se produzem em lembranças conscientes; *o corpo fala o que a palavra cala*, restando o recurso sintomático para dar vazão àquilo que não teve lugar de elaboração.

O encontro clínico vem, portanto, no intuito de escutar o sujeito e trabalhar para que *suas resistências frente ao recalado não o emudeçam em sua compulsiva repetição sintomática*. Assim, *a interpretação analítica visa realizar um toque na memória que*

produza abertura ao que era indizível até então, e que outrora mantinha o paciente aprisionado em um circuito adoecedor.

As forças defensivas do aparelho psíquico visam amenizar o sofrimento do sujeito pelas vias evitativas de seus conteúdos recalçados. No entanto, quanto maior a pressão exercida para manter o conteúdo inconsciente, mais força ele tem para expressar-se ativamente nos contornos do sujeito. Logo, os mecanismos de defesa possuem a capacidade de disfarçar o que perturbaria a consciência de maneira direta, mas não impedem que o sujeito escape da pulsão de morte, vivendo perturbações indiretas e constantes dos próprios conteúdos que o dizem respeito.

Em outras palavras, para além das contribuições de Anna O. à Psicanálise, trago a seguir um conto da literatura clássica que ilustra como as *ex-pressões* do inconsciente atravessam as vivências subjetivas e amortecem a potência desejante, caso não possam ser devidamente escutadas e traduzidas em sua complexidade.

Construções reflexivas

Franz Kafka, famigerado autor austro-húngaro, escreveu um conto chamado “A construção”, ou “A toca”, a depender da tradução utilizada. Suas passagens contam a história de um animal misterioso – sem nome ou perspectivas passadas – que se destaca pelo fato de investir todo o seu impulso na edificação de um refúgio subterrâneo. Vemos, pois, a necessidade das defesas se estruturarem com rigidez no decorrer das páginas escritas pelo autor.

Kafka (1998) descreve minuciosamente a forma como o animal vai se apegando e se transformando nessa fortaleza que o envolve, como nos trechos “A construção me ocupa muito a cabeça” (p. 75), “Escavo, naturalmente a uma distância suficiente da entrada efetiva, uma cova experimental – ela não é mais comprida do que eu – também terminada numa cobertura de musgo” (p. 77) ou “E com isso me perco em reflexões técnicas, começo de novo a sonhar meu sonho de uma construção absolutamente perfeita, o que me acalma um pouco...” (p.81).

Tais fragmentos vão revelando o modo como o animal edifica estruturas defensivas para o seu lar, que sofre a possibilidade de receber um ataque de inimigos que rondam seu território, podendo flanqueá-lo na saída da toca ou através dos caminhos cavados no seio da fuma. No entanto, o personagem passa a ficar tão angustiado e cansado

– assim como quem lê o conto – com a ideia das ameaças, que sua casa acaba se tornando um entricheiramento defensivo, sendo que em última instância seu excesso de proteção contra os invasores faz com que ele próprio fique aprisionado em seu interior – nada mais entra ou sai de seu abrigo labiríntico.

Diante da breve apresentação sobre o conto é possível pensar metaforicamente que sua construção investida de proteção funciona como um mecanismo de defesa psíquico, sustentado e sustentador dos sintomas a partir da visão psicanalítica. Tal estruturação o afasta, por fim, das elucubrações de ameaças externas e internas que nunca se concretizam, reafirmando a ideia de que os conteúdos recalçados, como as fantasias, são que determinam os sintomas e demarcam a vida psíquica do sujeito, podendo ser exemplificado pela passagem do conto: “Sem dúvida, ela é também essa cova segura, ou deveria sê-lo, e quando imagino que estou no meio de um perigo, com os dentes cerrados e com toda a força da vontade quero que a construção não seja outra coisa senão o buraco destinado a salvar minha vida” (Kafka, 1998, p. 82).

O buraco mencionado pelo autor ganha uma dimensão paradoxal em sua interpretação: aquilo que é subjetivo e habita as profundezas do Eu pode ser, também, aquilo que é proibido e faz o sujeito se perder e se esburacar de sentidos. Em outras palavras, o excesso de defesa daquilo que nos constitui produz rompimentos recordativos, que se reestruturam na inacessibilidade da memória, substituída por vazios estruturados em sintomas; o buraco é o que rompe com o Simbólico e lança o sujeito no Real.

Adentrando o buraco

Ainda com base no relato de 48 páginas, o autor descreve exaustivamente a forma como a toca é estruturada, destacando o isolamento do animal. Tal meio de comunicar esse investimento faz aludir ao esforço psíquico que o sujeito realiza em prol de se defender de seu desejo – levando em conta a ideia do embate psíquico, entre a exigência pulsional a ser satisfeita e a instância repressora que a impede de ser realizada. Desse modo, o excesso de defesas acaba esvaziando o sujeito, afinal seu isolamento o limita de experimentar e se satisfazer com o meio, ocasionando num excesso narcísico autoengendrado. Ou, dizendo de outra forma, a libido que outrora buscava satisfação acaba por investir em demasia na defesa do eu por conta da impossibilidade de realização via desejo. Esse desvio da meta pulsional gera insatisfação no sujeito, que acaba sendo preenchido pelos sintomas. Em suma, o conteúdo manifesto do sintoma vem para encobrir

(e também revelar pelo disfarce) seu representante latente, ligado ao desejo barrado, fazendo com que o sujeito fique no buraco da falta. Novamente pela metáfora, podemos observar a ideia de construção psíquica defensiva na seguinte passagem:

Instalei a construção e ela parece bem sucedida. Por fora é visível apenas um buraco, mas na realidade ele não leva a parte alguma, depois de poucos passos já se bate em firme rocha natural. Não quero me gabar de ter executado deliberadamente essa artimanha, o buraco era muito mais o resto de uma das várias tentativas frustradas de construção (Kafka, 1998, p. 63).

O buraco enquanto estrutura defensiva que abriga o sujeito traz uma dupla perspectiva, relacionada à ambivalência entre o vazio (da falta do desejo) e o preenchimento (via sintoma) de um eu assustado. Tanto, que a descrição do conto segue seu curso para contar que a toca vem para defender o ser de uma invasão que pode gerar destruição. Sendo essa invasão presente apenas na fantasia do animal, podemos dizer que, no fim, o sujeito instaura uma defesa que o afasta de si mesmo, gerando um aprisionamento no sintoma. Por essa via, o desejo é o que se tem de mais potente e assustador ao Eu, justamente por remeter ao que move e ao que falta ao sujeito, relacionando-se com a castração.

Diante do que foi levantado até então, é possível levantar a seguinte questão: do que, de fato, são constituídos os mecanismos de defesa do ego? Quando falamos em negação, racionalização, projeção, isolamento, dissociação, etc., quais elementos entram em jogo e que marcam essa barreira levantada na separação entre o Eu e o mundo, tanto interno quanto externo? Seriam afetos que solidificam essa toca, mantendo o sujeito adentrado no Eu de maneira alienante, já que o desejo permanece distante? A partir de tais questões, foi possível considerar a ideia de que os mecanismos de defesa são sustentados para evitar a angústia que demarca a proibição do desejo, ligada ao Complexo de Castração como experiência central de tal vivência.

Para embasar o presente raciocínio, destaco Freud (1922/1969) em uma breve reflexão intitulada “A cabeça de medusa” no qual o autor afirma que a visão da cabeça da Medusa decapitada, repleta de serpentes, alude ao terror da castração, paralisando o expectador, que fica petrificando diante da imagem da figura mitológica. Esse momento se liga à imagem que a criança tem diante das diferenças sexuais, justamente por se dar conta da falta. Em suas palavras, temos que a rigidez provocada pela paralisia é uma transformação do afeto:

Observe-se que temos aqui, mais uma vez, a mesma origem do complexo de castração e a mesma transformação de afeto, porque ficar rígido significa uma ereção, Assim, na situação original, ela oferece consolação ao espectador: ele ainda se acha de posse de um pênis e o enrijecimento tranqüiliza-o quanto ao fato. (Freud, 1922/1969, p. 176).

Ou seja, diante da ameaça verificada através da falta, o sujeito busca defender-se do horror, transformando seu afeto em algo que possa tranquilizá-lo. É nesse momento que as estruturas defensivas entram em jogo, a fim de amenizar a angústia ao reprimir o fato insuportável à consciência. Em outras palavras, a rigidez pelo medo leva à edificação de mecanismos de defesa como forma de transformar esse afeto em algo útil ao eu, protegendo-o de encarar a castração, ligada a impossibilidade de viver seu desejo, que se demarca em tal vivência.

Na passagem utilizada, Freud (1922/1969) aponta uma espécie de compensação que o sujeito faz, como tentativa de colocar algo no lugar diante de sua percepção, que é o enrijecimento frente ao horror. Em “Inibição, sintoma e angústia” vimos que Freud (1926/1969) reatualiza sua teoria sobre a angústia como uma reação frente ao perigo, ligada a um desamparo, uma recordação ou a algo esperado. Tais aspectos se relacionam entre a magnitude do perigo, nossa fortaleza, e o reconhecimento de nosso desamparo material (perigo real) e desamparo psíquico (perigo pulsional). Ademais, tais situações de desamparo qualificadas enquanto traumáticas são tidas como situações perigosas, sendo o desamparo um outro nome dado à castração, de acordo com Uchitel (2019).

Colocando de outra maneira, podemos então trazer a ideia de fortaleza rígida da toca de Kafka como essa estrutura defensiva diante das fantasias que ilustram o desejo reprimido, podendo se relacionar a vivências passadas (castração) ou a algo esperado, ligado à uma angústia sinal. Sendo assim, a toca que protege o animal foi construída no intuito de transformar seu afeto de horror frente ao perigo da castração em uma espécie de estrutura apaziguadora, fortalecendo sua “casa” (enquanto ego-corporal) na mesma proporção que a angústia ligada ao Complexo (aludindo ao excesso) proporciona. Logo, o horror frente à falta castrante estrutura um excesso que a encobre.

“A toca” – Tocando a castração do sujeito

No seminário 4 de Lacan (1956/1995) acerca das relações de objeto, temos uma nova perspectiva de leitura sobre a teoria da castração no caso do pequeno Hans. Em Freud (1909/1969), a angústia do pequeno tinha relação com a ameaça do pai castrador,

que representava o objeto fóbico da criança, deslocado na figura do cavalo. Nesse caso, a angústia da criança surgia diante do medo da perda de seu lugar junto à mãe, querendo manter-se intacto junto dela. A virada teórica de Lacan sugere o oposto, que na realidade, a angústia de Hans se refere à dificuldade em sair da posição de dependência da mãe, causando uma espécie de sufocamento. Ou seja, a angústia surgia diante da impossibilidade de se desvencilhar desse lugar, sugerindo que para o sujeito ganhar (advindo à posição desejante), é preciso primeiro perder. Em outras palavras, para Lacan a perda se refere a um ganho nessa situação, logo, o pai era visto como essa possibilidade de abertura para o mundo, como um objeto que liberta a criança do desejo da mãe, aprisionador num primeiro momento.

A partir de tais elementos teóricos, podemos pensar que o animal descrito por Kafka se apresenta muito mais ligado à ideia freudiana do que a lacaniana. Isto é, a toca representa uma estrutura quase impenetrável, rígida, na tentativa de resguardar o sujeito e estabelecer um equilíbrio psíquico. O animal não tem o vislumbre de sair de sua construção e ganhar o mundo, ele visa na realidade o oposto do que Lacan (1956/1995) sugere: ganhar (mantendo-se no *seio* da toca) para perder (a liberdade).

Diante de tais colocações, a toca enquanto estrutura apaziguadora impede que o animal realize novas ligações eróticas, remetendo a ideia de um gozo mortífero, aludindo ao nirvana. O gozo, por sua vez, vem como estado último de restauração total do narcisismo primário, da onipotência incondicional com eventual realização do desejo, mas tendendo ao zero – remetendo ao estado anterior, ligado ao útero materno. O gozo faz com que o momento do prazer implique, de alguma maneira, uma espécie de culminação ou cumprimento de algo que apazigua pelo desligamento, por fim.

Por conseguinte, a estrutura que Kafka relata aponta para uma defesa frente à angústia da falta, que aterroriza o sujeito. O medo é tão grande que impossibilita novas construções ao eu, que direciona toda a sua libido em sua empreitada, empobrecendo-se numa paz esvaziada, e tornando-se, enfim, a própria estrutura como única possibilidade de ser – tanto, que funde-se a ela e acaba aprisionado em seu seio. Tal reflexão acaba por ser bem ilustrada em Freud (1926/1969), que sustenta a ideia da adaptação do Ego de acordo com o seu investimento satisfatório, ligado a um gozo. Em suas palavras, temos:

O ego passa agora a comportar-se como se reconhecesse que o sintoma chegara para ficar e que a única coisa a fazer era aceitar a situação de bom grado, e tirar dela o máximo de proveito possível. Ele faz uma adaptação ao sintoma – a essa peça do mundo interno que é estranha a ele – assim como normalmente faz em relação ao mundo externo real.

(...) Dessa forma, o sintoma gradativamente vem a ser o representante de interesses importantes; verifica-se útil na afirmação da posição do eu (self) e se funde cada vez mais estreitamente com o ego, tornando-se cada vez mais indispensável a ele. (Freud, 1926/1969, p. 121).

Assim sendo, a maleabilidade do Ego se traduz por sua função mediadora das demais estruturas que o afetam – ligadas ao Princípio de Prazer e ao Princípio de Realidade. Considerando que é o Ego responsável pela edificação dos mecanismos de defesa, visando evitar conteúdos que ameaçam a consciência do sujeito, a construção de Kafka representa, por fim, essa escolha inconsciente de investimento que se exprime em um gozo mortífero, que aprisiona o ego em si mesmo, ao invés de realizar os desejos do sujeito. O buraco está posto enquanto defesa que esvazia e não protege o sujeito de seus conteúdos, apenas os mascaram.

Nas últimas páginas do conto, o autor relata a distância da vizinhança que o animal reafirma com seu refúgio, comparando com outros seres, simbolizando seu aprisionamento autoengendrado e ao seu gozo silencioso, que remete ao estado anterior:

Mesmo que ele fosse um bicho tão peculiar que sua construção suportasse uma vizinhança, a minha não suporta. (...) seria uma experiência má, mas benéfica, e me animaria (...). Enquanto eu não tinha conhecimento dele, ele não seria capaz de me ouvir, pois o meu comportamento então era silencioso: não há nada mais quieto do que o reencontro com a construção (...). (Kafka, 1998, p. 107).

Tal passagem abre o campo das reflexões sobre o desejo do sujeito, silenciado por se manter enclausurado em suas defesas primárias. Com base nisso, cabe levantar o seguinte questionamento: o que defende a defesa e qual seria sua restrição? Melhor dizendo: quando as defesas do Ego são um operativo que ajudam o Eu a se sustentar no Princípio de realidade e quando entorpecem o eu, mantendo-o num aprisionamento mortífero? Ou, ainda: quando a defesa é instrumento que auxilia na sobrevivência do Ego e quando ela se torna um mecanismo que afasta o sujeito da realidade (interna e externa), demarcando o sofrimento do mesmo?

Finalizando:

Encerro a presente escrita abrindo essa toca de questionamentos, possibilitando novas ligações sublimatórias com o mundo, no intuito de outras construções: Quando se

esconder é necessário para sobreviver e quando esse esconderijo apaga o Eu de si, transformando-se nessa construção que soterra o desejo?

É possível dizer que nós, enquanto analistas, temos a função de objeto que faz frente ao Ego defendido do sujeito, nos colocando como nova possibilidade de investimento erótico, através da escuta do desejo esburacado. Numa breve perspectiva otimista, se abrir para a escuta do sujeito silencioso (referida na última passagem do conto) é poder olhar para a sua construção histórica, adentrando as passagens labirínticas que escondem e revelam o Eu desejante sem que o mesmo se sinta tão ameaçado pela perda de algo que o constitui. Ou, dito de outra maneira, o analista seria aquele que cumpre a função proposta por Lacan (1956/1995), de conseguir sustentar que a perda é na verdade um ganho para o sujeito, podendo deslocar-se desse movimento narcísico autoengendrado para investir no mundo, através do analista mediador, sem tantas amarras no Eu.

Para finalizar, vale realçar que a proposição do analista mediador parte do psicanalista Masud Khan (1974), que trabalha a ideia da triangulação edípica presente na relação terapêutica entre analista-paciente-sintoma no texto intitulado *Freud e o estabelecimento do enquadramento terapêutico*. Nesse texto o autor afirma que o terapeuta seria aquele responsável por cortar o gozo do paciente, abrindo a possibilidade de o sujeito investir no mundo, a fim de se relacionar com o seu desejo de maneira menos adocedora. No entanto, o analista encontraria resistência em sua atuação, por ser visto como um intruso diante dessa dupla simbiótica “paciente-sintoma”. Por fim, Khan defende que o *setting* bem estruturado e uma escuta atenta possam se interpor no lugar do sintoma, abrindo a possibilidade de o paciente investir eroticamente no terapeuta e não mais na doença, para então, por fim, sair de uma posição de dependência abrir-se para o mundo.

Referências Bibliográficas:

KAFKA, Franz. *Um artista da fome e A construção*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1998.

KHAN, Massud. *Psicanálise: teoria, técnica e casos clínicos*. Rio de Janeiro, RJ: F. Alves, 1974.

FREUD, Sigmund. (1909) Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. *In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (vol. X)*. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1969.

_____. (1910) Cinco lições de Psicanálise. *In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (vol. XI)*. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1969.

_____. (1922) A cabeça de medusa. *In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (vol. XVIII)*. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1969.

_____. (1926) Inibição, sintoma e angústia. *In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (vol. XX)*. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1969.

LACAN, Jacques. (1956) *O Seminário Livro 4: A relação de objeto*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 1995.

UCHITEL, Myriam. *Seminário clínica das neuroses - Instituto Sedes Sapientiae*: São Paulo, SP: 2019.